

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

*Jornal de Santa Catarina*

Class.:

1214

Data:

15.06.82

Pg.:

Implantação de açudes e poços no Oeste de SC

A implantação do programa de açudes e poços no Oeste de Santa Catarina está impedindo que os agricultores da região sofram uma nova rigorosa estiagem, como as que costumam ocorrer naquela área. Apesar de ter iniciado há apenas nove meses, o PROCAS já implantou 303 açudes, todos com criação de peixes, e 40 poços, que têm sido a alter-

nativa numa área onde até muitas fontes secaram. A informação é do Secretário dos Negócios do Oeste de Santa Catarina, Ivan Bertaso, ao analisar os primeiros resultados desse programa que é iniciativa do Ministério do Interior, através da Sudesul e que conta com o apoio do Governo do Estado catarinense.

Agricultores defendem-se das acusações de posse de terras

CHAPECÓ (Sucursal) — Um grupo de 13 agricultores, representando mais de cento e cinquenta famílias residentes na localidade de Sede Trentin, esteve ontem no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chapecó para se defender de acusações feitas em maio último por indígenas e pelo Cimi — Conselho Indigenista Missionário. Eles foram vítimas de uma série de acusações sem procedência, como violência contra indígenas, usurpação de terra, expulsão e até assassinato de índios.

ACUSAÇÕES

No último mês de maio os remanescentes da tribo dos Kaingangues que residem na área denominada Toldo Chimbangue, distante cerca de 15 quilômetros do centro de Chapecó logo após realizarem eleição de seu líder rumaram para a cidade para reclamar a devolução das terras que diziam lhes pertencer. Eles falaram à imprensa no interior da Casa Paroquial, assistidos por dois funcionários do Conselho Indigenista Missionário — Cimi — órgão da CNBB. Naquela oportunidade o líder dos indígenas, Clemente Fortes do Nascimento, recém-eleito cacique, disse que iria pedir proteção policial e do juízo da Comarca para uma ação objetivando recuperar o domínio de uma área de oitenta colônias de terras que dizem lhes pertencer. Contando com o auxílio e assistência de missionários do Cimi, os indígenas estão tentando provar que a terra hoje ocupada por brancos lhes pertence de fato e de direito, através de pesquisa de documentação. A FUNAI não reconhece a área como indígena, apenas o extinto SPI — Serviço de Proteção ao Índio — promovia, outrora, o recenseamento no local.

O cacique Clemente garantiu que cerca de 50 famílias, totalizando mais de 300 índios, residiam na área. Entretanto, hoje somente umas 15 permanecem naquele local.

A DEFESA DOS COLONOS

Na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chapecó — que segundo os agricultores é local para reivindicarem seus direitos, os representantes da comunidade de sede Trentin, expuseram à imprensa a sua situação. Segundo eles, nenhuma das acusações procede; negaram qualquer conflito com os remanescentes indígenas e mostraram-se profundamente revoltados com as acusações publicadas na imprensa que os taxou de usurpadores, pistoleiros e outros adjetivos.

Falando em nome da comunidade e exibindo documentos de posse da terra que ocupa e, de onde tira sua subsistência, Bernardo Sieve conta que seu pai veio da Alemanha em 1.924, a convite dos jesuitas e da Companhia Colonizadora Luce Rose, da qual as terras foram adquiridas, conforme documentos em seu poder. Não havia índios no local. Não houve luta, e seus antecedentes, juntamente com a empresa colonizadora estiveram no local, verificaram as terras e pro-

cederam pacificamente a demarcação, tomando posse a seguir.

Caso idêntico é contado por Francisco Siemes: também seus pais imigraram da Alemanha nas mesmas condições e as famílias até hoje vivem no mesmo local.

Refutaram a afirmação de que existem 18 famílias, cerca de 80 índios na região. Alcides Ferrari e Olimpio Curtarelli, também líderes da comunidade, são categóricos ao afirmarem que no local, somente estão o cacique Clemente Fortes, uma índia conhecida como Maria da Luz e mais duas ou três famílias de mestiços.

O relacionamento sempre foi bom, desde que os indígenas chegaram ao local.

"Eles transitavam pela região, em suas andanças entre a área indígena de Nonoi (RS) e a de Xapecozinho em SC e alguns pediam serviço aos brancos e aos poucos foram ficando pela área que hoje reclamam como sua — disse Alcides Ferrari — que veio em 1954, de Passo Fundo (RS), e adquiriu uma área de um milhão e 200 mil metros quadrados de terras, registradas, compradas de Giocondo e Severino Trentin e registradas no Cartório de Registro de Imóveis de Domingos Giorno sob o número 30.555. Olimpio Curtarelli, exibe também documento de posse legal da terra, comprada em idênticas condições. Concluindo, disseram que compraram terras de colonizadora com os títulos dominiais devidamente transcritos. Não compraram somente o papel: ao adquirirem as terras vieram vê-las, exigiram demarcação e passaram a ocupá-las sem qualquer oposição ou contestação de quem quer que seja e que as terras que ocuparam e ainda ocupam não tinham posse de ninguém muito menos de índios.

Concluindo reafirmaram que os primeiros moradores do local, tem conhecimento que na época da chegada dos imigrantes não havia índios nas cercanias.

Vitorio Capeletti, tem 81 anos de idade, mora na região, no mesmo local desde o seu nascimento, e é categórico em afirmar que nunca houve atrito entre brancos e índios e que estes chegaram ao local na busca de trabalho após a ocupação pelos imigrantes italianos, alemães e poloneses.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chapecó Arlindo Schwartz, mostrava-se preocupado com a situação dos agricultores.

Segundo ele, a entidade sindicalista vai tomar todas as providências para saber se o local pode ser considerado área indígena.

Se isso for comprovado — continua — teme pela sorte das mais de 300 famílias que vivem e produzem da terra.

Neste caso, o Sindicato vai dar todo apoio em caso de reassentamento em outra localidade e especialmente no tocante à indenização dos proprietários das terras.